

Maior do que pensamos¹

David Wilkinson²

A doutrina da Criação é mais profunda do que apenas uma explicação de como o mundo começou.

Foi um momento de crise na minha fé. Como jovem estudante de doutorado em astrofísica, eu tinha acabado de ler um trabalho de Stephen Hawking, que acabaria por fazer parte do seu clássico *A Brief History of Time*. Até aquele ponto da minha vida cristã, eu tinha contado com um argumento sólido para uso com meus amigos ateus. Em resposta a “O universo começou com um *Big Bang*,” eu respondia com: “Mas quem começou tudo isso – quem acendeu a explosão?” E, naquele tempo, a ciência parecia apoiar minha resposta: não havia como combinar a teoria quântica e a relatividade e, portanto, não havia maneira de descrever o primeiro instante do universo.

Hawking, no entanto, estava especulando sobre como o universo poderia ter acendido o seu próprio *Big Bang*. Se isso fosse verdade, eu ainda precisaria de um Criador? Perguntei a Sir Robert Boyd, um eminente físico e cristão, sobre se Hawking poderia estar errado. Sir Robert simplesmente respondeu: “O Criador bíblico não precisa se esconder em pequenas lacunas na ciência.”

A doutrina cristã da Criação tem sido muitas vezes profanada por controvérsias sobre a idade do universo. Ela tem sido esvaziada pela teoria de que Deus simplesmente liga o universo e depois se retira para uma xícara de café, para nunca mais tocar sua obra-prima. É interessante que os ataques à crença em um Criador, seja por Hawking, pelo livro *Deus – um delírio* de Richard Dawkins, ou pelo recente *A universe from nothing*, de Lawrence M. Krauss, tendem a se direcionar contra esta divindade diminuída. Mas a Bíblia tem uma compreensão muito maior de Deus como Criador. Não só a doutrina da Criação aparece na Bíblia em outras passagens além de Gênesis 1, mas a atividade criadora de Deus permeia todos os momentos da história do universo.

Minha crise de fé induzida por Hawking estimulou-me a ir além de um “Deus das lacunas” – uma divindade encolhida, alistada apenas para preencher os espaços misteriosos restantes, aqueles que a ciência ainda precisaria iluminar. Na verdade, minha experiência tem sido que recapturar a doutrina da Criação em sua plenitude bíblica nos aponta para uma compreensão muito mais emocionante da criação. Ela nos aponta para um Deus para quem a ciência é um dom e não um obstáculo. E, o mais importante talvez, ela aponta para um Deus Criador que é digno de adoração, desfrute e confiança.

Deixe-me identificar uma série de temas dentro da Bíblia que têm sido fundamentais ao longo da história cristã para compreender esse Deus Criador.

Uma doutrina prática e dinâmica

Em primeiro lugar, a doutrina cristã da Criação nunca é um conceito abstrato, acadêmico. O pensamento ocidental adora uma compreensão filosófica simples das coisas. Mas a Escritura emprega uma rica diversidade de estilos ao discutir a criação. Mesmo dentro do Antigo Testamento, os textos relevantes (Gênesis 1-3; Provérbios 8.22-36; Salmos 8, 19 e 148; Gênesis 9.8-17; Jó 38-42; Isaías 40.9-31) usam uma ampla gama de estilos, valendo-se de ambas, da tradição profética e da poética. Essa diversidade comprova a natureza dinâmica e prática da doutrina. Discussões da Criação na Bíblia sempre tem um propósito maior: inspirar adoração, incentivar os fracos, convocar para a santidade, e oferecer segurança em tempos de angústia. Muitas vezes os cristãos esqueceram-se disso,

¹ Texto publicado em inglês como “Bigger Than We Think” em www.christianitytoday.com, em 30 de março de 2013. Tradução para o português: Karl Heinz Kienitz.

² David Wilkinson é professor no Departamento de Teologia e Religião, e diretor do St. John's College, Universidade de Durham, Reino Unido.

especialmente quando reduziram narrativas da criação a textos que atestam a existência de Deus. Os cristãos têm discordado, por exemplo, sobre a natureza histórica dos primeiros capítulos de Gênesis. Entristece-me, porém, que tal controvérsia tem obscurecido o poder desses textos como hinos de louvor, capazes de nos envolver em admiração de um Deus maravilhoso.

O teólogo anglicano Dan Hardy escreveu certa vez que, em seu âmago, a ação de Deus na criação exige uma resposta de adoração. O convite à adoração está gravado no próprio tecido do universo. À luz disso, precisamos evitar que as discussões sobre a Criação se desviem de suas implicações para a adoração e nosso estilo de vida. Agora, é claro que isso não impede os cristãos de participar ativamente e com entusiasmo de debates científicos e apologéticos. Mas a exploração científica das origens nunca pode ser conduzida apenas por si só. Dito de outra forma, é preciso ter muito cuidado para focar o Criador – e não apenas a criação.

Olhar para Jesus

Em segundo lugar, a doutrina cristã da Criação tem Cristo no centro. Colocar o foco no Criador leva à questão fundamental de como esse Criador é conhecido. Em Colossenses, Paulo diz explicitamente que Deus Criador é conhecido supremamente em Cristo. Jesus é a “imagem do Deus invisível” (1.15), a projeção do próprio Deus no espaço e tempo de uma forma que revela sua verdadeira natureza. Para saber, então, como é o nosso Criador, os cristãos devem olhar para Jesus. No terceiro volume de sua dogmática eclesial, Karl Barth coloca isso claramente: “Eu creio em Jesus Cristo, o Filho de Deus, nosso Senhor, a fim de perceber e compreender que Deus, o Todo-Poderoso, o Pai, é o Criador do céu e da terra. Se eu não crer no primeiro, eu não conseguiria perceber e entender o último.”

Isso significa que eu não preciso provar Deus através de algum tipo de raciocínio lógico. Na verdade, esse tipo de argumento é sempre vulnerável a alguém como Hawking encontrando uma maneira científica para contorná-lo. Foi exatamente o que aconteceu com Charles Darwin. Muitos cristãos haviam colocado sua fé no axioma de que um objeto criado – se um único relógio ou todo um mundo – implica um Criador. Eles se sentiram muito ameaçados quando Darwin sugeriu que a seleção natural explicava melhor o mundo biológico do que o projeto de Deus. Aqueles cuja fé provinha da revelação bíblica, estavam muito mais tranquilos.

Minha crença na existência e natureza de um Deus Criador vem de sua própria auto-revelação em Jesus. Essa é uma palavra de cautela para os cristãos que querem usar a ciência como uma estratégia evangelística, seja através do criacionismo ou através do design inteligente. Precisamos, é claro, falar com integridade sobre a relação entre ciência e fé. E, de fato, pode haver ponteiros para Deus embutidos na criação: sua beleza, sua magnitude alucinante, sua hospitalidade afinada para várias espécies. Mas qualquer apologética decorrente da doutrina da Criação deve ter um lugar-chave para Jesus. Não será suficiente procurar falhas na explicação científica, onde Deus possa ser inserido. A ciência moderna, em suas especulações sobre a inteligibilidade do universo ou a origem das leis da física, levanta questões que estão além de sua capacidade de responder. Os cristãos devem expor e refutar o ateísmo indevido que comumente resulta. Mas nunca podemos isolar os nossos esforços nessa área de um Deus Criador que se revela em Jesus.

Sem par e sem concorrente

Em terceiro lugar, a doutrina cristã da Criação afirma que Deus é o único criador do universo. Ou seja, ele é sem igual ou concorrente. A crença de que Deus é a fonte de toda a criação, transformou-se no conceito de *creatio ex nihilo*, que significa “criação a partir do nada.” Em outras palavras, Deus pode criar livremente, sem restrições por limitações de matéria preexistente. Se todo o universo material é criação de Deus, então a ciência – a investigação desse universo e descoberta de seu funcionamento –

é encorajada. Na verdade, muitos historiadores da ciência diriam que a doutrina cristã da Criação teve importância central no desenvolvimento da ciência moderna. No coração do método científico está a observação da natureza, algo que a doutrina da Criação positivamente incentiva. Pois se este mundo é obra de Deus, então tudo o que foi criado deve ser observado com admiração e espanto. E se Criador e criação são distintos um do outro, pode-se investigar livremente as operações da natureza em oposição a uma adoração cega da própria natureza.

Além disso Deus não é apenas o único Criador, mas também o único sustentador do que ele criou. Para mim como um astrofísico, esse sempre foi um entendimento importante. A simplicidade das leis físicas subjacentes à complexidade do universo é uma das características marcantes da ciência moderna. Em Colossenses, Paulo proclama que, em Jesus, “todas as coisas subsistem” (1.17). O universo “é coerente” de uma forma tão surpreendente, não por meio de “leis” físicas impessoais por si só, mas através da atividade sustentadora de Deus. Ciência só é possível por causa do trabalho contínuo de Jesus.

Vistos então através da lente da doutrina da Criação, ciência e tecnologia surgem não como antagonistas à fé, mas como dons de Deus. Aqueles que exploram a ordem do universo (como os cientistas) e aqueles que a manipulam e reconfiguram (como os engenheiros) o fazem por causa de Deus, quer o reconheçam ou não. Ciência e engenharia podem realmente ser vistos como ministérios cristãos. Em 1595 o astrônomo alemão Johannes Kepler escreveu a Michael Maestlin, um de seus professores, que ele se havia afastado da vocação de teólogo porque “Deus através do meu esforço está sendo celebrado na astronomia.” Da mesma forma, precisamos encorajar os cristãos a ver a ciência como vocação cristã e não como ameaça secular.

O Criador é também o Redentor

Em quarto lugar, a doutrina cristã da Criação deve ser vista à luz da realidade da nova criação. Para entender completamente a história, você precisa dos dois, do início e do fim. O mesmo acontece com a compreensão cristã da criação. Quando consideramos a narrativa bíblica como um todo, vemos que o Criador é também o Redentor. A obra de Deus não pára no Gênesis. O agente da criação também é o objetivo para o qual tende a criação, sua finalidade escatológica. O Antigo Testamento identifica o Deus de Israel, aquele que libertou seu povo da escravidão no Egito, como o mesmo Deus que criou todo o universo (Isaías 40.12-31). O Novo Testamento leva esse tema muito mais longe, vendo aquele que morreu na cruz como aquele que trouxe as estrelas ao espaço.

Se o mesmo Deus que criou o mundo também o redimiu, então a criação, apesar da sua escravidão presente ao pecado e à decadência, deve ser boa em última análise. Caso contrário, não valeria à pena resgatá-la. E se a criação foi resgatada, então podemos olhar à frente para uma nova criação, o “novo céu e a nova terra” descritos em Apocalipse 21. A esperança não é de que Deus reconstrua a criação a partir do zero ou nos ajude a escapar para algum tipo de estado imaterial, desencarnado. Não, nossa última esperança é a do cumprimento que transfigure a presente criação em tudo o que ela foi originalmente destinada a ser. Dado o seu estado redimido e a transformação prometida, a ordem criada não deve ser descartada como má ou sem importância, mas sim cuidada, respeitada e desfrutada.

Relacionamento como presente

Em quinto lugar, a doutrina cristã da Criação mostra que a humanidade tem a capacidade de um relacionamento íntimo com Deus. A questão do que torna os seres humanos especiais é uma das questões centrais da cultura contemporânea. E por causa dos avanços na inteligência artificial, uma compreensão maior do cérebro humano e das capacidades dos animais, e o desenvolvimento do

Projeto Genoma Humano, essa pergunta parece menos respondida do que nunca. Teólogos têm tradicionalmente listado como as características de singularidade humana: possuir uma alma imaterial e ser conforme a imagem de Deus. Na linguagem e contexto do antigo Oriente Próximo, o conceito de imagem refere-se menos às características de humanidade do que ao seu lugar de destaque dentro da ordem criada. Ser à imagem de Deus diz algo sobre o relacionamento com Deus mais do que sobre qualquer atributo humano específico ou padrão de comportamento.

De acordo com as narrativas babilônicas da criação, o papel dos seres humanos era simplesmente servir aos deuses. Mas a Bíblia vê a humanidade de uma maneira muito diferente. A humanidade é a parte da criação que é capaz de entender e – conscientemente – desenvolver uma relação com o Criador. Tal relacionamento envolve partilhar do domínio criativo e mantenedor de Deus, agindo assim como os representantes visíveis do seu cuidado benevolente com a criação.

Tudo isto acrescenta uma nova dimensão ao nosso pensamento sobre a atual crise ambiental. Se a semelhança à imagem de Deus envolve a mordomia do mundo natural, precisamos fazê-lo à semelhança de Cristo, como servos e não como ditadores. Como cristãos, podemos compartilhar com toda a humanidade a preocupação com a preservação do meio ambiente para as gerações futuras. E nós podemos compartilhar com outras comunidades de fé um sentido de preservar a Terra como um dom divino. Mas deveríamos querer ir mais longe e proclamar a responsabilidade ambiental como uma consequência de uma vida sob o senhorio de Cristo.

É surpreendente que Gênesis 1 não termina na criação de Adão e Eva, mas no dia de sábado em que, como diz o teólogo escocês David Fergusson, “toda a criação glorifica a seu Criador.” Ou seja, descansando em, regozijando-se em e vivendo no louvor de Deus no Sabbath é considerado na Escritura o ápice da existência terrena, a finalidade para a qual foi criada. Vistos dessa forma, nós, seres humanos somos chamados não apenas a “usar” a realidade material para nossas próprias finalidades, mas para santificá-la, reverenciá-la como dom de Deus, a trabalhar para o seu florescimento, e, desta forma, a ser vice-reis do mundo sobre o qual Ele graciosamente superintende.

Assim encontramos um tema comum na doutrina cristã da Criação. O significado do universo não é encontrado em uma força cósmica impessoal, ou uma teoria matemática, ou uma abstração filosófica. Em vez disso, ele é encontrado em um Deus pessoal que deseja relacionar-se com os seres humanos. Ser humano é receber o dom do relacionamento, amar e ser amado por Deus, que criou você.